

DA *DECIFRAÇÃO*  
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa  
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

**Coordenação**

Ana Paiva Morais  
Teresa Araújo  
Rosário Santana Paixão



Edições Colibri

*Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação*

Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. - (Extra-colecção)

ISBN 972-772-425-6

I - Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-

II - Paixão, Maria do Rosário Carmona Esteves Santana, 1956-

III - Morais, Ana Paiva, 1956-

IV - Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.134.2.09"04/14"

821.134.3.09"04/14"

821.133.1.09"04/14"

061.3

Título: Da *Decifração* em Textos Medievais  
*IV Colóquio da Secção Portuguesa*  
*da Associação Hispânica de Literatura Medieval*

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo  
e Rosário Santana Paixão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 201 330/03

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Novembro de 2003

## DO MEDIADOR COMO INSTRUMENTO DE DECIFRAÇÃO

*Margarida Santos Alpalhão*

(Escola E.B. 2,3 Eugénio dos Santos)

Importa delimitar a acepção em que tomamos, neste trabalho, a palavra-tema que serve de mote a este encontro: decifração. Do mesmo modo, ainda que o âmbito cronológico deste Coloquio seja a Idade Média, consideramos que o enfoque que escolhemos para tratar o assunto não se esgota nesse período temporal. Optando por considerar a decifração num âmbito hermenêutico, procuramos enunciar alguns motivos, recorrentes, que podem ser considerados como mediadores e que, enquanto tal, assumem uma função na decifração do texto e, por conseguinte, instituem diversos níveis de análise de um mesmo texto. Pretende-se, aqui, enunciar alguns desses mediadores e dar um contributo para o estabelecimento de uma tipologia dos mesmos.

Pretendemos, através desta tipologia, chegar a um nível de análise mais abrangente. Aproxima-se, deste modo, o conceito do mediador do de motivo tal como este é usado na narratologia.

Recordemos que, depois de definido como "a mais pequena parcela temática do texto, susceptível de migrar de narrativa em narrativa, guardando sempre uma configuração reconhecível"<sup>1</sup> pelos Formalistas Rusos, Propp reformula a noção de motivo e define-o, aplicando-o ao conto, "em termos de variabilidade", ou seja, "o motivo passou a designar as múltiplas concretizações figurativas das funções."<sup>2</sup>

Não pretendemos restringir, nesta análise, o conceito de mediador ao enunciado por Mare Angenot: "personagem-modelo procurado e imi-

<sup>1</sup> Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Almedina, 1996, p. 243.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*.

tado pelo herói do romance, na sua busca de valores autênticos"<sup>3</sup>, porquanto nem sempre o mediador surge, nos textos analisados, sob a forma de uma personagem. Além do que, o mediador, mesmo quando assume a forma de personagem, nem sempre reveste a função de "personagem-modelo" tal como Angenot no-la apresenta.

Pretendendo alargar o motivo do mediador, devemos considerar, num primeiro momento, as conclusões de um trabalho sobre a mediação nos Lais, no qual encontramos personagens, espaços, animais e "atributos de mediação"<sup>4</sup> como elementos de contacto entre dois mundos (o do maravilhoso e o da realidade). No entanto, não tomamos também, aqui, o mediador como elemento exclusivo de contacto entre dois mundos.

Interessa-nos enunciar o motivo em apreço do ponto de vista da interpretação do texto, entendendo-o como actualizações de uma função de que se revestem, a um tempo, personagens, espaços, objectos ou, até, o próprio texto. Neste sentido podemos aproximar, ainda, a função do mediador da enunciada por Bremond: "relação de uma personagem/sujeito com um processo/predicado"<sup>5</sup>.

Aquilo de que pretendemos falar é, em última análise, da função que o mediador assume na construção de sentido(s) do próprio texto, não raro, a um nível mais simbólico que textual.

Mas passemos aos textos analisados.

Ao referir, acima, o próprio texto como mediador, considerávamos o texto (romance, conto, ou outro) como um todo, isto é, como o livro. E este livro pode constituir-se mediador na medida em que "o livro, na sua vertente simbólica, adquire (...) uma ordem e tende a projectar-se e a projectar o fundo universal da Grande Ordem Cósmica."<sup>6</sup>

Consideramos, neste caso, a alegoria que encontramos, por exemplo, em *Auto da Alma* de Gil Vicente. Na obra vicentina o propósito alegórico surge logo no resumo do argumento:

<sup>3</sup> *Glossário da Crítica Contemporânea*, Lisboa: Editorial Comunicação, 1984, trad. Miguel Tamen, p. 149.

<sup>4</sup> Pina, Margarida, *A Mediação nos Lais anónimos dos séculos XII e XIII e nos Lais de Marie de France*, Lisboa: FCSH-UNL, 1993, Tese policopiada.

<sup>5</sup> Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Almedina, 1996, p. 184.

<sup>6</sup> Moreira, Maria Otília, *A Escrita do Espelho-Individuação e mediação nos romances de Chrétien de Troyes*, Lisboa: FCSH-UNL, 1999, Tese policopiada, p. 6.

<sup>7</sup> Considerando, aqui, a alegoria como a define Lausberg, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*, Lisboa: FCG, 1982, 3.ª ed. p. 249: "é a metáfora (...) que é continuada como tropo de pensamento (...) e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança (...), a esse pensamento em causa."

Assi como foi cousa muito necessária haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse ùa estalajadeira, pera refeição e descanso das almas que vão caminhantes pera a eternal morada de Deos. Esta estalajadeira das almas é a Madre Santa Igreja; a mesa é o altar, os manjares as insígnias da Paixão. E desta prefiguração trata a obra seguinte.<sup>8</sup>

Podemos considerar este tipo de mediação como mediação divina, mas é o próprio texto que se assume como veículo de um processo de pensamento e como hermeneuta (de si). A Ordem que visa é instituída e mantida por si, enquanto veículo da mesma.

Importa, no entanto, ter em conta que a mediação entre a(s) entidade(s) mística(s) e o homem não se resume ao próprios textos, dos quais podemos considerar *A Bíblia* o exemplo maior.

Em alguns dos livros da *Bíblia* encontramos o anjo, ou o arcanjo, como mensageiro de Deus e, enquanto tal, como um mediador entre o divino e o humano. Estes mediadores anunciam, em regra, a vontade divina aos eleitos, previnem-nos de perigos e transmitem-lhes a vontade de Deus.

Assim acontece quando dois anjos chegam a Sodoma e anunciam a Lot que Deus destruirá a cidade<sup>9</sup>; ou ainda quando São João anuncia, no *Apocalipse*, que quatro anjos impedirão os ventos de danificar a Terra enquanto outro anjo assinalará todos os servos de Deus<sup>10</sup>. Estes mensageiros podem tomar forma humana, como acontece na visita a Lot mencionada no *Génesis*, ou não, como acontece quando mencionados em sonhos e visões, havidas pelos profetas e pelas outras personagens bíblicas, como acontece com o sonho em que Jacob vê os anjos subirem e descerem por uma escada celestial<sup>11</sup> e em que Deus lhe anuncia a sua protecção a as suas obras futuras.

Mas o Anjo aparece, no *Auto* vicentino acima referido, também como um mediador entre a própria Alma e Deus, durante o percurso que esta faz até à Madre Igreja, pois sem a presença daquele esta ter-se-ia deixado seduzir pelo Diabo, como a própria revela, logo de início, e o texto documenta, com os diálogos entre a Alma e esta personagem demoníaca:

8 Vicente, Gil, *Auto da Alma*, Apresentação crítica, notas sugestões para análise literária e apêndice documental de Rodrigues, Maria Idalina, Lisboa: Editorial Comunicação, 1980, pp. 51-52.

9 Génesis 19: 1-29.

10 Apocalipse 7: 1-8.

H Génesis 28: 12.

Anjo que sois minha guarda,  
olhai por minha fraqueza  
terreal:  
de toda a parte haja resguarda,  
que não arda  
a minha preciosa riqueza  
principal.  
Cercai-me sempre ò redor,  
porque vou mui temerosa  
de contenda.  
Ó precioso defensor,  
meu favor,  
vossa espada lumiosa  
me defenda!  
Tende sempre mão em mim,  
porque hei medo de empeçar,  
e de cair.<sup>12</sup>

No entanto, chegada e recebida pela Santa Igreja, ainda que reconhecendo-se culpada e tocada pela "mão de Satanás"<sup>13</sup>, a Alma, alimentada pelos doutores da Santa Igreja, acaba vitoriosa, conforme o texto anuncia após a sua chegada àquele espaço, antecâmara do espaço divino: "pois que Déos a trouxe aqui,/ não pereça"<sup>14</sup>. E este espaço divino é atualizado, neste *Auto*, através do "pomar/ adonde está sepultado/ o Redentor", isto é, o "moimento"<sup>15</sup> anunciado na didascália final.

Além da mediação entre Deus e a Alma, personificada pelo anjo, o espaço da sedução (o século, o mundo, o caminho percorrido pela Alma) e o espaço divino (o paraíso, o local de repouso de Cristo) surgem mediados pela Igreja e pelo seu altar.

Encontramos, portanto, no *Auto da Alma*, a mediação desdobrada a vários níveis ao longo de um texto que se pretende, ele próprio, mediador.

Ainda que seja abusiva uma conclusão mais geral, partindo apenas deste exemplo, consideramos que, na obra em apreço, o texto alegórico introduz, por si só, um conjunto de mediações, das quais a primeira, e fundadora, é o próprio texto em si.

<sup>12</sup> Vicente, Gil, *Auto da Alma*, Apresentação crítica, notas sugestões para análise literária e apêndice documental de Rodrigues, Maria Idalina, Lisboa: Editorial Comunicação, 1980, pp. 54-55.

<sup>13</sup> Idem, p. 71.

<sup>14</sup> Idem, p. 72.

<sup>15</sup> Idem, pp. 85-86.

Por outro lado, a recorrência do anjo, nos textos referidos, como mensageiro e conselheiro do herói, permite-nos indexá-lo como mediador entre Deus e o homem e considerá-lo, em termos literários, como função de mediação entre o divino e o humano.

Parece-nos importante acrescentar que este tipo de função de conselheiro não é assumida apenas pelo anjo pois outra personagem surge, frequentemente, no texto literário, com tal estatuto.

Divergindo do texto de Gil Vicente, logo de início, por não se assumir como mediador, *A Demanda do Santo Graal* não deixa de mencionar o facto quando, depois de Galaaaz resolver a aventura do mosteiro e preparar Melias para, a pedido deste, o armar cavaleiro, um homem bom e velho explica ao cavaleiro eleito o significado da aventura, uma aparição<sup>16</sup>, que acabara de resolver. E, após a explicação do que vira e ouvira, este homem bom e velho diz a Galaaaz:

Assi podedes entender em esta aventura a significança da paixam de Jesu Cristo e a relembança (...) da sua santa vida. E outra cousa aviiinha i ora muitas vezes, que os cavaleiros andantes viinham aqui e queriam contra o muimento e o diaboo, que os conhecia por pecadores e por envoltos em nos pecados, os espantava em tal guisa que, pola voz espantosa que fazia, eles perdiam o poder dos corpos e dos nembros. (...) Mas esto não ousou traladar Ruberte de Borem em francês de latim, porque as puridades da Santa Egreja nom nas quis ele descobrir, ca nom convém que as saiba homem leigo. E, doutra parte, havia medo de descobrir a demanda do Santo Graal, assi como a verdadeira estória o conta em latim, como os homêës, em quanto não sabem em estudar, caem em erro e em menospreço da fé. E por esto poderia cair seu livro ca seu livro seria defeso que niuu nom usasse dei nem lesse o que el nom querria em niua guisa. (...) E bem saibam todos que a divindade e o filho sofria o que lhe nom convém nem quer ele divisar que seja ele culpado da Santa Egreja. Mas quando esto quiser trabalhar-se de saber, o livro do latim, aquel livro (...) vos fará entender e saber enteiramente as maravilhas do Santo Graal. Ca nós devemos louvar as puridades da Santa Egreja. Nem eu nom direi mais, segundo meu poder, ca o que aa estória covem, ca nom convém ao homem descobrir as puridades do alto Meestre.<sup>17</sup>

Dito, e escrito, isto, encontramos actualizada, no próprio texto, a necessidade de um mediador entre Deus e o homem. E se encontramos,

16 A distinção entre sonhos e aparições, bem como a fundamentação daquela diferenciação foi por nós estabelecida em "Visões, sonhos e aparições na *Demanda do Santo Graal*", em 1994. Texto inédito.

17 *a Demanda do Santo Graal*, edição de Nunes, Irene Freire, Lisboa: INCM, 1995, pp. 61-62.

novamente, a menção ao texto como mediador, desta feita, este texto, remetendo para um outro, "o livro do latim", numa outra língua, "o latim", parece menos acessível pois é o estudo que surge como mediador entre as "maravilhas" e o "leigo". Por isso também é referido o facto de "quando esto quiser trabalhar-se de saber, o livro do latim, aquel livro (...) vos fará entender e saber enteiramente as maravilhas do Santo Graal". E enquanto isto não acontece, ou, porque isto não acontece, os homens poderão recorrer ainda a outra mediação: a que, em *A Demanda do Santo Graal* é feita pelo homem bom e velho, que vai decifrando os factos, isto é, vai construindo sentidos e organizando significados para as aventuras dos cavaleiros, conforme "aa estória convém".

Mas atentemos, agora, num dos vários exemplos possíveis do que dizemos e que tornam a figura do ermita como, não só um "conseiller infaillible"<sup>18</sup>, mas também como um mediador por excelência.

Sem nos demorarmos na oscilação entre o termo "ermitam" e o termo "homem bõõ" e "velho" (que ao longo do texto está documentada), registemos que, após a luta com o cavaleiro da Besta Ladrador e de, simbolicamente ter sido morto por aquele, Boorz separa-se de Galaaz e encontra "uu homem vestido de panos" que lhe explica "que era fa] demanda do Santo Graal"<sup>19</sup>, depois de o advertir para o facto de nela ter entrado sem consciência do que fazia:

- Par Deus! disse o homem bõõ, sandiamente entrastes i, e direi-vos como. Mas esto me dizede primeiramente: sabedes que é a demanda do Santo Graal?

- Nom mui bem, disse Boorz.

- Eu vos direi, disse ele, o que é a demanda do Santo Graal buscar: tanto quer seer como buscar as maravilhas da Santa Igreja e as cousas abscondidas e as maravilhas e as grandes puridades que Nosso Senhor nom quis outorgar que homem as achasse que jouvesse em pecado mortal. A demanda do Santo Graal é que, pois el espartiu os cavaleiros dos maus assi como o grão da palha, e quando ele partiu os luxuriosos dos bõõs cava[58,b]leiros, entam mostrará a estes homèes bõõs e a estes bem aventurados as maravilhas que andam buscando do Santo Graal. Entam os avondará do bem do Santo Graal e da sua santa graça e do beento manjar, onde os profetas e os homèes bõõs desta terra que sabiam já, que das cousas que haviam de viir falarom chãamente, quando escondidamente desta beenta demanda, que é chamada graça do Santo Graal, serám avondados os bõõs cavaleiros que em esta demanda andarám que verdadeiramente se maenfestarem e se doerem de seus pecados e lim-

<sup>18</sup> Zumthor, Paul, *La mesure du Monde*, Paris: Seuil, 1993, p. 62.

<sup>19</sup> *A Demanda do Santo Graal*, edição de Nunes, Irene Freire, Lisboa: INCM, 1995, p. 130.

pamente se guardarám em tam gram feito como este, que paricidamente é serviço de Nosso Senhor. (...) Mas se entram em pecado e entram em luxúria como ante, em vão i se trabalham, caja mais dele nom gostarám, ante receberám i muitas desonras e perdas, porque se chamarám cavaleiros da demanda do Graal, e tanto quer dizer como cavaleiros do Nosso Senhor, e nom no serám; (...) E bem sabede, dom Boorz, que, se vós fõssedes o milhor cavaleiro que nunca no mundo houve, a vossa cavalaria nom vos faria senam mal ataa que fõssedes bem menfestado e que houvõssedes recebido o Corpus Domini. Mas se vós assi fezerdes e vos sofrerdes de pecar mortalmente, e pois entrastes na demanda do Santo Graal, sabede que eu cuido, per muito bem que em vós há onde muito ouvi falar, que vós haverídes em esta demanda honra e lidice tamanha como vosso coraçom nom poderia [58,d] pensar. Ora havede conselho sobre esto que vos digo, ca, certas, se o em outra guisa fezerdes, em vão entraredes i, a meu cuidar.<sup>20</sup>

E se a figura do ermita, ou do homem bom e velho, portanto sabedor, enquanto mediador, fica aqui longamente documentada, importa também ter em conta que, de acordo com o que é dito neste trecho, aceder ao conhecimento é, simbolicamente, e em última análise, um acto parricida. Assim sendo, compreender-se-á melhor a necessidade de um mediador, de um percurso iniciático longo e de uma gradação no acesso ao conhecimento que, ainda que de modo simbólico, tão tragicamente se pode atingir.

Importa, ainda, referir que a mediação em *A Demanda do Santo Graal* não se resume à figura do ermita. Com efeito, depois de, por promessa feita a uma donzela "que ia soo em üü branco palafrém"<sup>21</sup>, Erec matar a sua irmã, acaba por ir ter à cela de uma emparedada que lhe desvenda o significado do sonho que, antes daquele acto, tivera:

- E se eu soubesse soltar como outros sabem, eu vo lo soltaria, mas nom praz a Deus que as suas cousas ascondidas sejam descobertas. E pero tanto vos ousou dizer que a vossa morte se chega mui fortemente. E por em vos digo eu em direito conselho que vos menfestades bem e, que de boca que de coraçom, peçades mercee a Nosso Senhor. Ca vossa morte se chega, e matar-vos-á üü cavaleiro mui bravo e mui desleal. E esto nom tardará.<sup>22</sup>

Para além da mediação obtida entre o divino e o humano, através do ermita ou da emparedada, encontramos outro tipo de mediação em

« Idem, pp. 131-132.

> Idem, p. 224.

<sup>22</sup> Idem, p. 238.

**A Demanda.** Se atentarmos no excerto seguinte, encontraremos o "encantamento" como mediador entre dois amantes:

E saibam todos que este conto ouvirem que aquel Alaim o Branco foi filho de Boorz de Gaunes e feze-o em ùa filha del-rei de Gram Bregonha. Pero ante que esto fosse, prometera Boorz a Nosso Senhor de lhe guardar sua virgindade. Mas tam toste que o ela viu pagou-se dele e dês ali amou-o. E depois enganou-o per encantamento e jouve com ela e fez ali aquela noite que depois foi emperador de Constantinopla. E se Boorz britou aquilo que prometeu nom foi per seu grado, mas polo encantamento que lhe a donzela fez. E depois o corregeu, aquele que fez, que todolos dias da sua vida manteve castidade.<sup>23</sup>

O encantamento foi o propiciador de tal união. Sem este artifício, e tendo em conta a promessa feita, a união de Boorz e da donzela não aconteceria.

Mas encontramos, ainda, outro agente de mediação amorosa presente em *A Demanda do Santo Graal*, como, de resto, o encontraremos em outros textos de que, em seguida, falaremos. É o caso do diabo que, sabedor do amor incestuoso da filha do rei Hipomenes por seu irmão, tomando aparência humana, "-Eu som ùü homem (...) que vos amo muito e vos prezo sobre todas as donzelas que eu sei"<sup>24</sup>, acaba por conseguir os favores amorosos da donzela, para a qual "ajudava i muito porque lhi parecia o demo mui bem"<sup>25</sup>. Desta união, nascerá, de resto, a Besta Ladrador.

Situação idêntica ocorrerá no episódio entre o filho e a filha de rei Nasço, Aglinda e Nabur, e da qual nascerá a nomeação da Fonte da Virgem. Também ali, assumindo aparência humana, o diabo interfere no percurso dos irmãos:

E sendo assim pensando, aque-vos ùü demo vem que lhe pareceu em semelhança de homem sesudo e que pensa e que há pesar e que é triste; e nom lhe fez semelhança que o conhecia mais de homem desconhecido. E foi aa fonte e fez semelhança de beber, mais nom bevê, ca nunca a Escritura nom devisa que o diaboo come nem beve.<sup>26</sup>

Na sequência deste encontro, aproveitando-se do cansaço de Nabur e através de uma narrativa sobre o nascimento de sua irmã, este "homem

<sup>23</sup> Idem, p. 28.

<sup>24</sup> Idem, p. 447.

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>26</sup> Idem, p. 247.

sesudo" consegue um acordo com o jovem que o levará, por sua vez, à própria morte. Conforme esperado, a mediação diabólica conduz a um desfecho trágico. Tal resulta do facto de a mediação em questão quebrar o interdito, o incesto, permitindo o acesso a amores proibidos. Não obstante, a função do diabo, em ambos os exemplos apresentados, é o da mediação e, à semelhança do encantamento, o da mediação amorosa.

Vejam, de seguida, outro tipo de mediação amorosa, assumida por outra personagem.

E para analisar um outro tipo de personagem que assume esta função de mediador, atentemos em *Celestina*. Sem nos determos na história da complexa edição do texto, ou dos títulos e géneros que lhe foram sendo atribuídos, interessa-nos considerar, aqui, a detalhada vida da alcoviteira. Chamada a interceder em favor dos encontros amorosos de Calisto e Melibea, esta personagem assume-se, desde o início, como mediadora de favores amorosos. Celestina é assim vista pelo próprio Calisto, que o confessa a Pármeno, seu criado:

Pero quiero que sepas que quando ay mucha distancia del que ruega al rogado, (...) como entre esta mi señora y mí, es necessário intercessor o medianero que suba de mano en mano mi mensaje hasta los oydos de aquella a quien yo segunda vez hablar tengo por imposible, (...)"<sup>27</sup>.

Esta função de Celestina é, de resto, confirmada no diálogo entre esta e Calisto quando, referindo-se a uma primeira entrevista de Celestina com Melibea, ele lhe diz:

¡O maravillosa astucia! ¡O singular mujer en su oficio! (...) ¡O discreta en mensajes! (...) ¿Cuál humano seso bastara a pensar en tan alta manera de remedio? De cierto creo, si nuestra edad alcançara aquellos pasados Eneas y Dido, no trabajara tanto Venus para atraer a su fijo el amor de Elisa, haciendo tomar a Cupido ascánica forma para la engañar; antes por evitar prolixidad, pusiera a ti por medianera."<sup>28</sup>

E a mediação de Celestina não se resume à que faz entre Calisto e Melibea, pois os criados de Calisto, Pármeno e Sempronio, também usufruem dos serviços da alcoviteira para obter os favores amorosos de, respectivamente, Areúsa e Elicia. Disto mesmo são testemunho os dois excertos seguintes:

<sup>27</sup> Rojas, Fernando de, *Celestina*. Madrid: Espasa Calpe, S. A. 1998, 33.\* ed., p. 143.

<sup>28</sup> idem, p. 194.

[CEL. - No puede ser agora. Verná tu tiempo, como te dixes, para que lo sepas y lo oyas.]

PAR. - Agora dexemos los muertos y las herencias [, que si poco me dexaron, poco hallaré].Hablemos en los presentes negocios, que nos va más que en traer los passados a la memoria. Bien se te acordará, no ha mucho que me prometiste que me harías haver a Areúsa, quando en mi casa te dixes cómo moría por sus amores.

CEL. - Si te lo prometí, no lo he olvidado, ni creas que he perdido con los años la memoria. Que más de tres xaques ha rescebido de mí sobre ello en tu ausencia. Ya creo que estará bien madura. Vamos de camino por casa, que no se podrá escapar de mate. Que esto es 10 menos que yo por ti tengo de hazer .

PÁR. - Yo ya desconfiava de la poder alcançar, porque jamás podía acabar con ella que me esperasse a poderle dezir una palabra.<sup>29</sup>

CEL. - ¡Hijo mío, rey mío, turbado me has! No te puedo fablar. Torna y dame otro abraço. Y tres días podiste estar sin vernos? ¡Elicia, Elicia, cátales aquí!

ELI. - ¿A quién, madre?

CEL. - ¡A Sempronio!

ELI. - ¡ Ay triste, qué saltos me da el corazón! ¿Y qué es dél?

CEL. - Vesle aquí, vesle. Yo me le abraçaré, que no tú.

ELI. - ¡Ay, maldito seas, traydor! Postema y landre te mate, y a manos de tus enemigos mueras, y por crimines dignos de cruel muerte en poder de rigurosa justicia te veas. ¡Ay, ay!

SEM. - ¡Hy, hy, hy! ¿Qué has, mi Elicia? ¿De qué te congoxas?

ELI.-Tres días ha no me ves. ¡Nunca Dios te vea! ¡Nunca Dios te consuele ni visite! ¡Guay de la triste que en ti tiene su esperanza y el fin de todo su bien!

SEM. - ¡Calla, señora mía! ¿Tú piensas que la distancia del lugar es poderosa de apartar el entrañable amor, el fuego que está en mi corazón? Do yo vo, conmigo vas, conmigo estás. No te aflijas ni me atormentes más de lo que yo he padecido.<sup>30</sup>

Aliás, contribuyendo para o trágico-cómico destino das personagens do par Calisto-Melibea, acima referido, aproveitando os ensinamentos de Celestina e seguindo-lhe os passos, Elicia dá continuidade ao ofício, conforme documenta o texto, através do seu diálogo com Sosia<sup>31</sup>, outro criado de Calisto.

A figura da alcoviteira, enquanto mediadora amorosa, está, de resto, também presente na obra vicentina como o atestam Brísida Vaz em o *Auto*

<sup>29</sup> Idem, p. 213.

<sup>30</sup> Idem. pp. 113-114.

<sup>31</sup> Idem, pp. 329-334.

da *Barca do Inferno* e, de modo mais detalhado, Branca Gil em *O Velho da Horta*. Também neste texto, encontramos a mediação solicitada pelo Velho: "Porém, amiga, se nesta minha fadiga vós não sois medianeira, não sei que maneira siga, nem que faça, nem que diga, nem que queira."<sup>32</sup>.

Vimos exemplos de textos da época medieval, mas quando acima referimos que a função do mediador era recorrente na literatura, pensávamos em textos que não se integram na Idade Média. E para documentar, resumidamente, a afirmação, usaremos mais três breves exemplos.

Começemos por recordar que o mediador pode assumir-se, também, como mensageiro, assumindo uma função de conselheiro do herói, como acontecia já na mitologia greco-latina, pois Hermes era assim entendido pelos gregos, conforme podemos ler na *Odisseia*:

Hermes, tu, que nos demais negócios és o nosso mensageiro, vai anunciar à ninfa das belas tranças o irrevogável decreto, acêrca do regresso do paciente Ulisses: que o herói parta sem a companhia dos deuses nem dos homens e chegue, ao vigésimo dia, sôbre uma jangada de muitas ataduras, e depois de numerosos trabalhos, à Esquéria fecunda, terra dos Faécios, (...). Assim falou; e o mensageiro Argeifontes obedeceu-lhe. Imediatamente ligou aos pés belas e divinas sandálias de ouro, que, com a rapidez do vento, o levaram por sôbre as águas e a terra imensa<sup>33</sup>.

Ou ainda quando assim é designado, naquela obra, por Apolo: "Ó Hermes, filho de Zeus, mensageiro distribuidor de dons!"<sup>34</sup> Ou, até, quando, através do "mólio", livra Ulisses dos feitiços de Circe:

Quando, porém, indo pelo sacro vale, estava a chegar ao grande palácio de Circe, versada em muitos bruxedos, para onde dirigia os passos, veio ao meu encontro Hermes, o da varinha de ouro, na figura dum jovem a quem começa a despontar o buço e tem todo o encanto desta idade.<sup>35</sup>

Do mesmo modo, Mercúrio, por associação com o grego Hermes, foi considerado como deus-mensageiro entre os romanos. Esta característica surge atestada pelas "duas asinhas no chapéu"<sup>36</sup> que Mercúrio

32 Vicente, Gil, "Auto do Velho da Horta", *Compilaçam de totalas obras de Gil Vicente*, 2º vol.. Introdução e normalização do texto de Buescu, M.' Leonor Carvalhão, Lisboa: IN-CM, 1984, p. 389.

33 Homero, *Odisseia*, tradução, prefácio e notas de Palmeira, E. Dias e Correia, M. Alves, Lisboa: Liv. Sá da Costa, 1938, vol. I, p. 88.

34 Idem, p. 143.

35 idem, p. 185.

36 piauto. *Anfitrião*, tradução, introdução e notas de Fonseca, Carlos, Lisboa: Edições 70, 1993, p. 28

afirma trazer sempre consigo, tal como a sua função de mensageiro é anunciada, pelo próprio, em *Anfitrião*:

É que vocês, certamente, já sabem que os outros deuses me impigiram o encargo de estar à testa das notícias e dos lucros. (...) Agora, vou dizer-lhes quem me mandou e ao que vim, e, ao mesmo tempo, revelar o meu nome. Eu estou aqui por ordem de Júpiter; o meu nome é Mercúrio.<sup>37</sup>

No entanto, se no caso de Hermes, a sua função de mediador o coloca numa função de mediador conselheiro, já no caso de Mercúrio, quando se transfigura em Sósia, assume uma função de mediador amoroso, que favorece os amores de Júpiter, sob a forma de Anfitrião, e Alcmena.

Para concluirmos este percurso pelos textos, referiremos um último exemplo, contemporâneo: o dos mediadores amorosos conseguidos por António José Bolívar Proaño, personagem de *O velho que lia romances de amor*<sup>38</sup>. Mas atentemos no caso: tendo namorado e casado, aos quinze anos, com Dolores, viveram ambos na sua terra natal até os comentários da comunidade, por falta de descendência, e da recusa de António para participar nas festas de São Luís<sup>39</sup>, os obrigarem a partir. Chegados a El Idílio, na Amazónia, com o estatuto de colonos, a luta para arrotear a parcela de floresta revelou-se tão estéril quanto o casal. Entretanto haviam aprendido, com os autóctones xuars, a viver com a floresta. Só que Dolores não sobreviveu à malária. Então, após uma luta vã pelo domínio da floresta, António passa a viver com a região e estreita a sua convivência com os xuars. E se, vivendo com os xuars não teve necessidade de romances para conhecer o amor, quando, por incumprimento de uma das regras daquele povo, se vê afastado do convívio com ele, passa a ler os romances, que encomenda ao dentista que visita El Idílio duas vezes por ano. Não são romances de amor "com fêmeas ricas, das que fervem", mas dos que falam "do outro amor. Do que dói."<sup>40</sup>

Encontramos, portanto, no caso de António, duas formas da mediação amorosa; uma primeira que, recusada, o conduz ao exílio: o ritual carnavalesco; uma segunda que lhe permite o reencontro com as suas memórias, e com a amor, materializada na leitura dos romances de amor

<sup>37</sup> Idem, pp. 26-27.

<sup>38</sup> Sepúlveda, Luis, trad. do esp. por Tamen, Pedro, Porto: ASA, 1993.

<sup>39</sup> Ritual carnavalesco. Na página 31, da edição citada, podemos ler: "negou-se à possibilidade de ser pai de um filho de Carnaval."

<sup>40</sup> Idem, pág. 90.

e numa fotografia do casal, que conservou na parede e a propósito da qual podemos ler, relativamente e ao vestuário e adereços que Dolores vestia: "existiam e continuavam a existir nos recantos obstinados da memória, nos mesmos onde se põe de atalaia o moscardo da solidão.<sup>41</sup>".

Depois deste percurso de análise, parece-nos que podemos encetar algumas conclusões.

É através da mediação que chegamos a um nível mais completo, e complexo, da compreensão do texto. E sendo esta mediação apresentada pelo próprio texto, consideramos que ela é, em certa medida, intrínseca ao próprio texto. Como o é o acto de ler à existência da escrita. Para este acto, como para a compreensão do texto é necessário realizar um percurso iniciático, no qual a figura do mediador se reveste de importância capital.

De acordo com os exemplos apresentados, o mediador está presente tanto em situações de mediação divina, quanto em situações de mediação amorosa. E, recapitulando, encontramos várias figurações de mediadores: personagens - o anjo, o ermita, a emparedada, o diabo, a alcoviteira -, objectos - o livro, o romance, a fotografia; e acções - o estudo, o encantamento, o ritual carnavalesco. Em qualquer dos casos expostos (a personagem, o objecto ou a acção) o mediador assume uma função de ligação, de aproximação, de conselho útil para a prossecução do (restabelecimento de uma Ordem que radica, antes de qualquer outra coisa, na escrita, logo, no verbo.

Figurada de modos diversos, a mediação é, aqui, uma função chave, complexa, em simultâneo, do acto de ler e do acto de construir sentidos de leitura. A um outro nível, a mediação permite, a um tempo, a regra e a sua permanência; permite a existência do Outro e a sua proximidade, a sua compreensão; permite que de um possível caos, surja a Ordem. Para que o verbo se faça carne e a carne ideia.

41 Idem, pág. 29.